



TUDO NELA ERA DEPENDURADO E TODAS AS SUAS CARNES FLÁCIDAS: REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA EM LIMA BARRETO

Suely Santos Santana¹

RESUMO

O artigo aqui apresentado objetiva incluir o escritor negro Lima Barreto no contexto da literatura negra, a partir de uma breve abordagem sobre essa literatura e da leitura do conto *O Moleque*, focalizando o modo como o escritor ressignifica a presença da mulher negra na literatura brasileira, forma a modificar imagens, lugares e saberes instituídos e intervindo num sistema simbólico e ideológico que continua a excluir e deixar à margem da sociedade milhões de negras e negros.

Palavras-chave: representação, mulher, negro, estereótipo, revisão.

EVERYTHING ABOUT HER WAS DANGLING AND ALL HER FLESH WAS FLACCID: REPRESENTATION OF BLACK WOMAN IN LIMA BARRETO

ABSTRACT

The article presented here aims to include the black writer Lima Barreto in the context of black literature, from a brief approach on this literature and reading the story *O Moleque*, focusing on the way how the writer reframes the presence of black women in Brazilian literature, so as to change images, places and knowledge instituted and intervening in a symbolic and ideological system that continues to exclude and leave the margins of society and millions of black women and men.

Keywords: Representation, woman, black, stereotype, review

TOUT ÉTAIT AINSI SUSPENDU ET QUE TOUS SES CHAIRS FLASQUES: REPRÉSENTATION DES FEMMES NOIRS CHEZ LIMA BARRETO

RÉSUMÉ

L'article présenté ici vise notamment l'auteur noire Lima Barreto dans le contexte de la littérature noire, à partir d'un bref aperçu de cette littérature et de la lecture conte *Le gamin*, en se concentrant

¹Graduada em Letras pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB; especialista em Metodologia e Prática do Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS; mestre em Letras (Literatura Brasileira) pela Universidade Federal da Bahia-UFBA. Doutoranda em Estudos Étnicos e Africanos pelo Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia – CEAO/UFBA; Membro fundador do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros - AFROUNEB na UNEB, Campus V. Professora da Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Área de Letras – UNEB.



sur la façon dont l'auteur recadre la présence des femmes noires dans la littérature brésilienne, pour modifier des images, des lieux et des connaissances est intervenu et a imposé un système symbolique et idéologique qui continue à exclure et laisser les marges de la société et des millions d'Africains noirs.

Mots-clés: Représentation, femme, noir, stéréotype, l'examen

TODO EN ELLA ESTABA CAÍDO Y TODAS SUS CARNES FLÁCIDAS: REPRESENTACIÓN DE LA MUJER NEGRA EN LIMA BARRETO

RESUMEN

El artículo que aquí se presenta tiene el objetivo de incluir al escritor negro Lima Barreto en el contexto de la literatura negra a partir de un somero abordaje sobre esa literatura y de la lectura del cuento *O Moleque*, poniendo de relieve el modo como el escritor da nuevo significado a la presencia de la mujer negra en la literatura brasileña, modifica imágenes, lugares y saberes instituidos e interviene en un sistema simbólico e ideológico que sigue excluyendo y poniendo al borde de la sociedad a millones de negros y negras.

Palabras clave: Representación, mujer, negro, estereotipo, revisión.

INTRODUÇÃO

As narrativas literárias no mundo do império tiveram um importante papel na difusão e divulgação do racismo e dos estereótipos com relação aos colonizados, sobretudo, no caso que aqui nos interessa, das populações negras. Não queremos negar que essas populações fizeram parte de narrativas literárias, muito menos que os autores literários negaram sua existência. É verdade que, pelo menos no mundo moderno ocidental, muitos escritores inseriram o negro em algumas de suas produções, entretanto, ao fazê-lo, reforçaram uma hegemonia branca, haja vista que suas criações permaneceram conforme os padrões de representação vigentes e a causa dos escravizados, a luta abolicionista, a posição do negro na sociedade, bem como as relações entre negros e não negros constituiu-se como mais uma temática ditada pelas circunstâncias da história oficial, ocidental, branca e patriarcal. Muitas destas representações reiteraram e divulgaram estereótipos negativos, corroborando a afirmação de Said (1999), segundo a qual, dentre as diversas formas de dominação sobre povos considerados “bárbaros” e “primitivos”, o discurso literário teve um papel marcante, já que foi enunciado com uma carga significativa de estereótipos depreciativos visando justificar a dominação a estes povos.

Para Said não é que os escritores tenham uma relação mecânica e determinada pelos diversos aspectos de sua história. É que eles “estão profundamente ligados à história de suas sociedades, moldando e moldados por essas histórias e suas experiências sociais em diferentes graus” (SAID, 1999, p.23). O romance, por exemplo, constitui-se como uma das formas culturais de grande relevância na formação de atitudes, referências e experiências, por isso, “devemos vincular as estruturas de



uma narrativa às ideias, conceitos e experiências em que ela se apoia” (SAID, 1999, p. 105).

As reflexões de Said nos permitem afirmar que para se tratar do racismo e dos estereótipos no Brasil é fundamental levar em consideração o papel da literatura, sobretudo, no século XIX, aquelas obras literárias e textos críticos que representaram o pensamento nacional e nos quais se minimizou, apagou ou representou o afro-brasileiro de forma estereotipada, como é o caso de textos de José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Bernardo Guimarães, Aluísio Azevedo, Euclides da Cunha, dentre tanto outros.

Como em outras instituições, na instituição literária a presença do negro ficou, por muito tempo, ocultada. Ele não fazia parte da sociedade nem tampouco também integrava a literatura. Em fins do século XIX, essa presença ficou cada vez mais difícil de ser ignorada e, a literatura, então, começou a se interessar pelas populações negras, começando estas a fazer parte de algumas narrativas literárias². Entretanto, as ideias que permearam o pensamento dos intelectuais naquele momento do século XIX chegaram ao século XX com todo vigor e ainda se estendem na contemporaneidade. No período da Abolição da Escravatura, os estereótipos acerca dos negros estavam firmemente consolidados e, muitas vezes, as características negativas que lhes eram atribuídas no período da escravidão mudaram de nomenclatura no pós-escravidão, mas a carga e significado negativo permaneceram. Por exemplo, o escravo passivo e fiel deu lugar ao negro resignado; aquele que era tido como violento passou a ser rebelde; o imoral foi substituído pela mulata lasciva.

Mas, se por um lado as narrativas literárias serviram e servem aos propósitos dos exploradores, por outro, como acentua Said (1999), elas também se tornam o método utilizado pelos povos colonizados para afirmarem sua identidade e a existência de uma história própria deles. Em todos os lugares do mundo em que houve dominação imperial, as narrativas também serviram para que os povos se mobilizassem para acabar com essa sujeição. Dentre os diversos exemplos, é oportuno lembrar as lutas pela independência e a concretização desta em muitos países do continente africano. Não é novidade a significativa contribuição da literatura – nesse caso, a literatura africana de vários países – desde os primórdios das lutas pela independência dos povos africanos do jugo colonial, até os dias atuais pelas insatisfações com a nova condição pós-colonial.³

²Mais detalhes sobre essa discussão podem ser encontrados no livro de Roberto Ventura, *Estilo Tropical*. A referência completa encontra-se no final deste artigo.

³Sem deixar de ser humanista e social, muito da literatura africana, pelo menos dos países de língua oficial portuguesa, é de protesto anticolonial, de contestação ao colonialismo. Agostinho Neto é um bom exemplo. Desde a independência, muitos escritores desses países apontam em suas narrativas uma certa decepção com o momento pós-independência. Como exemplo podemos citar Abdulai Silá, da Guiné-Bissau, Pepetela de Angola, dentre outros.



LIMA BARRETO NO CONTEXTO DA LITERATURA NEGRA

Da mesma forma como muitos escritores excluíram a figura do negro da literatura brasileira ou os representaram como interessava ao poder hegemônico, talvez em menores proporções - haja vista as circunstâncias históricas, sociais, raciais - desde o século XIX; outras vozes, pretas e pardas negras, vêm tentando intervir nos sistemas de representações hegemônicas e tentando enunciar outros discursos que atuem no sentido de contestar a suposta inferioridade do negro e sua cultura, bem como reivindicando espaços no sentido de sua inclusão nos diversos espaços sociais. Tais vozes estiveram voltadas para problemas políticos e sociais, problematizando a situação dos negros dentro dessa na relação com os brancos e questionando a supremacia dos valores brancos hierarquizados. Esses escritores fizeram o que contemporaneamente concebemos como literatura negra ou afro-brasileira, como muitos escritores e críticos preferem, no sentido conceitual de por Osvaldo de Camargo:

Ela [a literatura negra] começa a existir a partir do momento que o negro olha para si mesmo e passa a contar como negro suas experiências particulares, suas memórias, sua vida, suas diferenças, sua identidade, mesmo que esta escrita tenha como base um português camoneano. [...].

Acredito que a partir do momento que o negro resolve falar de sua realidade e identidade como negro, trazendo as marcas de sua história, mesmo dentro de uma língua portuguesa, ortodoxa, acadêmica, que seja, se ele conseguir fazer isso com arte e se essa literatura estiver sancionada por uma produção, ela existirá. A produção existe. É fato. Portanto, atestada pela produção, a literatura negra existe. Quando o negro pega suas experiências particulares e traz, sobretudo o “eu”, a persona negra, com suas vivências, que um branco pode imitar mas não pode ter, o nome que damos a isso é literatura negra (CAMARGO, 2000).⁴

Nessa perspectiva, podemos destacar os escritores e escritoras que deram início a uma tradição literária em séculos passados, quando começaram a trazer para o texto literário sua condição de negro e todo significado desse significante, a exemplo de Luiz Gama, José do Patrocínio, Cruz e Sousa, Maria Firmina, Lima Barreto, os quais construíram textos evidenciando problemas e dificuldades encontradas para se expressarem, bem como, para se inserirem nos espaços sociais. Estes autores falaram de suas experiências enquanto negros e reivindicaram um lugar, não como meros objetos, mas como sujeitos e partícipes que eram da história brasileira. Mais recentemente, outros negros e negras se filiaram a essa tradição e continuaram, ainda continuam, um fazer literário que preza por uma releitura das imagens do negro, procurando romper com os moldes literários que o negativa. Além disso, nessa literatura o negro deixa de ser apenas objeto de estudo e, como afirma Conceição Evaristo,

⁴ Este trecho é parte de uma entrevista de Osvaldo de Camargo, realizada em 10/12/2000, disponível no site: [http://www.portalafro.com.br](http://www.portalaфро.com.br).



[...] deixa de ser apenas um tema, deixa de ser objeto para uma literatura alheia e passa a criar a sua própria história, assumindo o papel de sujeito [...] essa mudança de posição, de papel, define o surgimento da literatura negra no Brasil [...] (EVARISTO, 2012, p. 3).

A literatura negra surge, portanto, a partir de vazios e omissões que apontam para a recusa de muitas vozes, hoje esquecidas ou desqualificadas, quase todas oriundas das margens do tecido social e, embora se faça presente em praticamente todos os campos da atividade artística, quase nunca o trabalho de afro-brasileiros teve o reconhecimento devido, merecido.

Segundo Florentina Souza (1996), esses e outros escritores negros foram excluídos do cânone literário brasileiro, pois se posicionaram como vozes destoantes, no sentido de que rejeitaram os discursos impostos por grupos hegemônicos, utilizando-se de contradiscursos para construir outras imagens sobre os afro-brasileiros. Ou seja, criaram outros discursos objetivando interferir nas instâncias de poder, contestando-as e disputando lugar na vida política e cultural de uma nação da qual faziam parte, ajudando na sua construção, mas que os rejeitou. Ao mesmo tempo, esses escritores se mostraram competentes na enunciação de discursos que questionavam os valores e hierarquias dominantes de forma a desestruturar e imprimir rasuras no que estava consolidado.

Vale ressaltar o mérito desses escritores não só pelo fato de estarem inseridos numa literatura que pode ser denominada de literatura negra, mas também porque com seus escritos deram provas incontestes de que propositalmente as diferenças étnicas foram confundidas com incapacidade intelectual. Esses escritores traduziam a diferença e o singular na apresentação de uma outra identidade, de outras alternativas de representação que contemplasse o negro e sua cultura.

Lima Barreto foi uma dentre essas vozes que ecoaram no sentido de problematizar os papéis e lugares marcados pelos discursos hegemônicos, não só, mas principalmente sobre africanos e seus descendentes, atuando na vida cultural brasileira de forma a modificar imagens, lugares e saberes instituídos. Intervindo num sistema simbólico e ideológico que continua a excluir e deixar à margem da sociedade milhões de afro-brasileiros. Mais do que a problematização de papéis, a desconstrução de discursos e a denúncia do lugar relegado ao negro, Lima Barreto reservou ao negro o papel de protagonista em suas narrativas literárias.

A historiografia literária brasileira aponta que o universo histórico-social, notadamente nos seus aspectos políticos e raciais, que caracterizou os anos imediatamente posteriores à Abolição da Escravatura e o início da construção da República brasileira configurou-se como base para a criação literária de Lima Barreto. Questões relacionadas à emergência de uma nova nacionalidade, ao papel que seria reservado às populações negras, recém-saídas da escravidão e à necessidade de instituição de uma nova dinâmica no campo das relações sociais e raciais, bem como um novo formato nas relações políticas, foram alvo da mordacidade irônica e da argúcia crítica do escritor Barreto.

Na visão de Lima Barreto, ao contrário do que era esperado da República, que fosse um regime impregnado de ordem, que o bem comum prevalecesse, o que se viu foi um regime de favorecimentos



a uma pequena minoria privilegiada em detrimento da maioria dominada pela nova forma de poder. Nesse sentido, o sonho de um país do futuro, da esperança, transformou-se em desilusão em face do continuísmo, do autoritarismo, da burocracia, da miséria, da opressão, do preconceito, da discriminação. Em sua vasta produção crítica e literária que inclui romances, contos, artigos, crônicas, sátiras, correspondências, diários, o escritor critica e denuncia o novo regime, enfatizando os descaminhos do país e o lugar destinado às populações negras.

A exemplo, a Proclamação da República e a Abolição da Escravatura não cumpriram o seu papel. “Mas como ainda estamos longe de ser livres! Como ainda nos enleamos nas teias dos preceitos, das regras e das leis!”⁵, diria Lima Barreto no mesmo artigo em que fala de suas lembranças do Treze de Maio. A expressão exprime lamento e indignação. O fato é que o escritor tinha plena consciência de que a crueldade da escravidão não terminou com a sua abolição legal. O abandono a que foram relegados os descendentes de africanos, sem emprego, sem moradia, sem educação, os manteve como marginais da sociedade legal, perseguidos como malandros e vagabundos.

Vale ressaltar que a exclusão ou depreciação do indivíduo negro incidia de igual maneira sobre o escritor e intelectual assumidamente negro na sociedade brasileira. Lima Barreto é um grande exemplo dessa situação, uma vez que sentiu na própria pele o drama de milhões de brasileiros, vítimas das ideias de hierarquização racial, segundo as quais os negros estavam nos patamares mais inferiores na escala sociocultural. O escritor experimentou os estereótipos em circulação na época e ainda hoje na sociedade brasileira: os negros devem conhecer o seu “lugar”. O racismo se exerce ainda mais ferozmente quando negros decidem mudar a condição imposta.

Lima Barreto foi um cidadão negro, neto de escravos e pobre que enfrentou imensas dificuldades e discriminações, tanto pessoais quanto no que diz respeito à sua aceitação no mundo brasileiro das letras, à época. Embora em tempos recentes a qualidade e a importância da sua obra tenham sido merecidamente reconhecidas pela crítica literária brasileira contemporânea, os traços que a singularizaram e que responderam pela sua especificidade, para os críticos autorizados da época, não se inscreviam nos aspectos canônicos do que era considerada uma boa literatura. Mais do que isso, talvez a sua mordacidade crítica em denunciar as mazelas da república e a desfaçatez das elites políticas e sociais, tenha contrariado aqueles responsáveis por inscrever aos autores no rol do que era literária e culturalmente aceitável.

Mesmo situando-se na transição do século XIX para o século XX, a leitura que fazemos de Lima Barreto parte de uma perspectiva da literatura negra e dos estudos pós-coloniais, levando em consideração que o escritor enunciou um discurso destoante em face do discurso hegemônico de

⁵Frase extraída do artigo *Maio*, da coletânea de artigos e crônica, *Feiras e Mafuás*.



inferioridade dos descendentes de africanos. Muitos aspectos da sua obra podem ser considerados como contradiscursos, já que apontam desconfianças e dão um sentido de reversão nas representações canonizadas sobre o afro-brasileiro, ao mesmo tempo em que revelam os interesses e objetivos do discurso de poder e também reivindicam espaço em suas instâncias.

Com um discurso nesse sentido Lima Barreto procura revisar o discurso do colonizador e, assim, contribuir para a inclusão dos subalternizados no cenário da história, não como objetos de conhecimento, mas como sujeitos, concebendo suas experiências de afirmação como retomada da dignidade negada pelo colonialismo, de modo não apenas a expulsar fisicamente o colonizador, mas de descolonizar o pensamento no sentido de uma perspectiva própria de vida, pensamento, experiência. Corroboramos com a afirmação de Homi Bhabha (1998), de que as narrativas pós-coloniais devem revisar as narrativas do colonizador e constituem-se como outras vozes que usam o lugar de enunciação para romper e negar a episteme etnocêntrica como única detentora do discurso, como única capaz de produzir saber.

TUDO NELA ERA DEPENDURADO E TODAS AS SUAS CARNES FLÁCIDAS

A abordagem que pretendemos aqui é uma possibilidade de leitura do conto *O Moleque*, o qual foi escrito no início do século XX e é parte da coletânea do livro *Histórias e Sonhos*. O conto aborda a modernização da cidade do Rio de Janeiro, enfocando, dentre outras questões, a destruição de memórias negras e indígenas e, ao mesmo tempo, a preservação destas pelos subúrbios cariocas, a exemplo de nomes, práticas religiosas, laços de solidariedade indígenas e africanos. Traz, ainda, discussões relacionadas ao preconceito racial, dando relevo, entretanto, a personagens negros de destaque social e profissional.

Nossa leitura ressalta, sobretudo, a representação da mulher negra, no intuito de exemplificar um perfil que, acreditamos, ao revisar a narrativa do colonizador no que se refere à mulher negra, intenta desconstruir os estereótipos que fixaram uma série de características depreciativas sobre essas mulheres, características essas que ainda hoje depõem contra o feminino negro e contribuem, eficazmente, para que permaneçam em posições menos prestigiadas.

O discurso barretiano se situa no *entrelugar*, no sentido de que produz uma contranarrativa tentando inverter valores cristalizados no imaginário nacional, a partir do momento que enuncia um outro discurso, que revela histórias e experiências do cotidiano das mulheres negras contrárias ao discurso hegemônico e, assim desfaz determinados estereótipos que fixaram o indivíduo numa certa imagem que de tanto ser repetida transforma-se em verdade absoluta, onde não cabem dúvidas nem questionamentos. No caso específico do indivíduo negro, é uma imagem dada como verdadeira e que passa a ser a forma de perceber o outro, de modo tal, que retira da alteridade a condição de apresentar características diferentes de outros indivíduos do mesmo grupo étnico-racial e social (BHABHA, 1998).



O estereótipo propicia uma espécie de congelamento de determinadas características dadas como negativas que inferiorizam o negro e, quando internalizado, destrói uma individualidade. As representações sobre o negro fixaram um modo que nega o jogo da diferença e, assim, a identidade diferente é considerada inferior, negativa. Segundo Bhabha, “em outros tempos e lugares o mesmo estereótipo pode ser lido de modo contraditório ou, de fato ser lido de modo equivocado”. (BHABHA 1998, p. 110). O estereótipo pode ser usado como uma luta contra ele mesmo, como uma forma de protesto contra clichês e padrões pré-estabelecidos.

No conto *O moleque*, por exemplo, o narrador reage contra os preconceitos aos descendentes de africanos e sua cultura, uma reação que é extensiva ao indígena e a todo o legado que estes povos nos deixaram; seus costumes, sua religião, seu vocabulário. Nossos objetivos nos impõem tratar só do negro e, assim seguiremos.

No conto em questão, além de fazer uma incursão pela cultura indígena, Lima Barreto vai ao ponto, para nós, mais significativo, valorizar o afro-brasileiro e sua cultura de modo a contrariar os postulados que os inferiorizam(ram). Nesse sentido, Lima Barreto aponta como qualidade o que muitos historiadores e escritores literários consideraram e apresentaram como defeito: as práticas religiosas professadas pelos povos indígenas e africanos e seus descendentes, em detrimento da religião imposta pelos colonizadores. O trecho é longo, mas os nossos propósitos nos demandam reproduzi-lo.

Há, porém, robustas e velhas mangueiras que protestam contra aquele abandono da terra. Fogem para lá, sobretudo para seus morros e antigos arredores, aqueles que ainda querem cultivar a Divindade como seus avós. Nas suas redondezas, é o lugar das macumbas, das práticas de feitiçaria com que a teologia da polícia implica, pois não pode admitir nas nossas almas depósitos de crenças ancestrais. O espiritismo se mistura a eles e a sua difusão é pasmosa. A igreja católica unicamente não satisfaz o nosso povo humilde. É quase abstrata para ele, teórica. Da divindade, não dá, apesar das imagens, de água benta e outros objetos do seu culto, nenhum sinal palpável, tangível de que ela está presente. O padre, para o grosso do povo, não se comunica no mal com ela; mas o médium, o feiticeiro, o macumbeiro, se não a recebem nos seus transe, recebem, entretanto, almas e espíritos que, por já não serem mais da terra, estão mais perto de Deus e participam um pouco da sua eterna e imensa sabedoria.

Os médiuns que curam merecem mais respeito e veneração que os mais famosos médicos da moda. Os seus milagres são contados de boca em boca, e a gente de todas as condições e matizes de raça a eles recorre nos seus desesperos de perder a saúde e ir ao encontro da Morte. O curioso – o que era preciso estudar mais devagar – é o amálgama de tantas crenças desencontradas a que preside a Igreja católica com os seus santos e beatos. A feitiçaria, o espiritismo, a cartomancia e a hagiologia católica se baralham naquelas práticas, de modo que faz parecer que de tal baralhamento de sentimentos



religiosos possa vir nascer uma grande religião, como nasceram de diferentes misturas as maiores religiões históricas.

Na confusão do seu pensamento religioso, nas necessidades presentes de sua pobreza, nos embates morais e dos familiares, cada uma dessas crenças atende a uma solicitação de cada uma daquelas almas, e a cada instante de suas necessidades (BARRETO, 1998, p. 28).

De imediato observamos, nesse longo trecho, uma preocupação com a preservação e expansão dos elementos da cultura africana e indígena, provavelmente com o fim de promover a construção de uma identidade étnica que funcione como um enfrentamento da discriminação racial e do domínio do pensamento eurocêntrico. O narrador procura dar visibilidade a essas culturas que foram marcadas e estigmatizadas, tratadas como inferiores. Em termos práticos, no âmbito daquilo mesmo que a estas populações emprestavam singularidade, para além da cor da pele: as manifestações religiosas. Junto a isso, o narrador trata da importância dos elos vitais entre o homem e a natureza, no interior de um ambiente predominantemente natural e com muitas energias positivas.

Ainda nesse trecho, Barreto faz alusão à implicância do poder público que, na figura da polícia, perseguia e repreendia as práticas culturais religiosas, sobretudo do povo negro, promovendo proibições e punições dessas práticas, especialmente o candomblé.

Contrário aos discursos que mais do que negar o valor dessa religião, demonizou a ela e aos seus seguidores, Barreto vê as experiências culturais religiosas dos afro-brasileiros como objetos de reflexão capazes de ampliar as possibilidades de um conhecimento histórico mais democrático no que diz respeito à diversidade étnico-cultural brasileira. Além disso, o discurso limabarretiano reconhece e louva o fato de que as religiões afros sofreram modificações no contato com as religiões indígenas e europeias, porém conseguindo manter e/ou reelaborar uma visão própria para explicar e entender o mundo. É uma forma de o narrador atribuir um sentido positivo ao ser negro e sua cultura através de um discurso racial marcado pela inversão dos discursos hegemônicos com relação à cultura africana, sobretudo à religião sempre tão estigmatizada, mal compreendida, demonizada.

Da mesma forma como procede no que se refere à religião, Lima Barreto comporta-se no que tange aos personagens negros, sobretudo, a mulher negra, a qual aparece na literatura canônica como a encarnação de fantasias sexuais. Essas mulheres, quando aparecem nas ficções, estão sob os mesmos estereótipos que sempre estiveram no imaginário do colonizador e que, ainda hoje, permeiam o imaginário da sociedade brasileira. Uma imagem que esta sociedade não só exporta para o mundo em forma de ficção, mas também como cartão-postal para o turismo. Boas para cozinhar e fazer sexo, mas inadequadas para outras funções, inclusive a do casamento. Raramente encontramos na literatura canônica uma mulher negra casada, cuidando de seus próprios filhos. Contrariando uma narrativa literária que sempre fixou a mulher negra num único modelo de representação, Barreto nos apresenta



uma mulher negra protagonista e casada: “Dona Emereciana era casada com o senhor Romualdo, servente ou cousa que o valha em uma dependência da grande oficina do Trajano. Era preta como dona Felismina e honesta como ela” (BARRETO, 1998, p. 29).

A violência contra a mulher negra não se restringiu à escravidão, nem aos castigos físicos, mas se estendeu à questão sexual. A exploração e violência aos corpos negros de mulheres sustentavam-se, segundo a lógica escravagista, porque elas pertenciam aos seus senhores. A elas não era permitido ser esposa ou mãe, mas empregadas domésticas, babás, prostitutas. Não é o caso da mulher de Lima Barreto. Essa era uma mulher preta livre, casada, com um homem que também era livre, mas não era o seu senhor, era trabalhador, mas não era escravo.

Na sociedade escravista, como nas narrativas literárias, os corpos das negras escravizadas serviam também como objeto de prazer, tanto aos seus senhores quanto aos filhos destes. O escritor continua contrariando a representação que comumente se fazia, e ainda se faz, da mulher negra com a caracterização de uma outra negra protagonista do conto, mais uma vez contrariando as características que lhe são atribuídas. Agora é dona Felismina:

Dona Felismina gozava de toda a consideração nas cercanias e até crédito, tanto no Antunes, como no Camargo da padaria. Além de lavar para fora, tinha uma pequena pensão que lhe deixara o marido, guarda freios da Central, morto em um desastre. Era uma preta de meia-idade, mas já sem atrativo algum. Tudo nela era dependurado e todas as suas carnes flácidas. Lavava todo o dia e todo o dia vivia preocupada com o seu humilde mister. Ninguém lhe sabia uma falta, um desgarrar qualquer, e todos a respeitavam pela sua honra e virtude. Era das pessoas mais estimadas da ruela e todos depositavam na humilde crioula a maior confiança. Só a Baiana tinha-a mais. Esta, porém, era “rica” (BARRETO, 1998, p. 30).

O escritor aqui se volta para uma questão muito cara às mulheres negras: o corpo como estimulador do desejo sexual. A leitura que fazemos desse trecho é que Lima Barreto contraria a ideologia estereotípica e patriarcal baseadas no imaginário masculino, segundo a qual a mulher é tida como ser puramente sensual, sexual e procriador.

Dona Felismina contraria aquela representação que se fundamenta na sexualidade e sensualidade apenas. A condição é sempre a mesma, meramente objeto de desejo e de prazer sexual dos homens, uma vez que seus corpos lhes pertencem, pois “o corpo está simultaneamente (mesmo que de modo conflituoso) inscrito, tanto na economia do prazer e do desejo como na economia do discurso, da dominação e do poder” (BHABHA 1998, p. 107).

Ressignificando a mulher negra, ao invés de uma mulher cheia de atributos que pode despertar desejos e fantasias masculinas: “seios firmes e pontiagudos”, “bumbuns rechonchudos”, dona Felismina tinha “tudo dependurado” e “todas as suas carnes flácidas”. As características exaltadas em dona Felismina eram a “sua honra e virtude”, bem como sua honestidade. Além disso, Barreto valoriza a



personagem negra, dona Felismina, não só enquanto mulher, mas também como liderança.

Dona Felismina, porém, ficava mais próximo da vida de toda aquela gente da rua. Os seus conselhos eram ouvidos e procurados, e os seus remédios eram aceitos como se partissem da prescrição de um doutor. Ninguém como ela sabia dar um chá conveniente, nem aconselhar no caso de dissídias domésticas. Detestava a feitiçaria, os bruxedos, os macumbeiros, com as suas orgias e barulhadas; mas, inclinava-se para o espiritismo, freqüentando as sessões do “seu” Frederico, um antigo colega de seu marido, mas branco, que morava adiante, um pouco acima (BARRETO, 1998, p. 31).

Nessas linhas, Barreto reverte, ainda, o sentido das narrativas canonizadas ao representar a negra como detentora de poder e saber. Dona Felismina liderava, ajudava, era sensível. Mais que isso, seu saber popular, lhe colocava em condições de disputar com homens poderosos – padres e médicos – o privilégio de amenizar dores, curar doenças ou, ainda, de dar conselhos: “Ninguém como ela sabia dar um chá conveniente, nem aconselhar no caso de dissídias domésticas”. Com isso, Lima Barreto derruba velhos tabus para reconstruir a imagem feminina negra, fora dos modelos canônicos.

Já dona Emereciana “detestava a feitiçaria, os bruxedos, os macumbeiros”. Ao contrário do que possa sugerir essa citação, o narrador não é avesso a essas práticas religiosas; basta atentarmos para o longo trecho citado no início desse item que perceberemos a valorização e até exaltação dessas práticas. O que, acreditamos, o escritor pretende com uma representação dessa natureza, é derrubar os estereótipos que fixam o negro numa única identidade religiosa, concebendo a identidade negra, sim, no sentido proposto por Stuart Hall (2003), de que não há identidade negra fixa nem nacionalmente determinada, ao contrário, as identidades negras, como quaisquer outros tipos de identidades étnicas, são construções histórico-sociais. Hall observa que:

Existe, é claro, um conjunto de experiências negras distintas que contribuem para os repertórios alternativos [...]. Mas é para a diversidade e não para a homogeneidade da experiência negra que devemos dirigir integralmente a nossa atenção criativa agora (HALL, 2003, p. 346).

Lima Barreto desrespeita os estereótipos e investe em contra narrativas canônicas, no sentido em que estas cristalizaram uma representação da mulher negra e negaram o valor dessa mulher na cultura brasileira.

A inversão do estereótipo do negro enquanto “outro” inferior é possível de ser lida também na caracterização que Lima Barreto faz do personagem Zeca, filho de dona Felismina, cujo comportamento exemplar era digno da admiração e simpatia de todos; era honesto, trabalhador, obediente e dedicado à sua mãe, “era o braço direito dela, seu único auxílio, seu único ‘homem’”.

No mundo contemporâneo há uma crença na necessidade de interferir no sistema de representações convencionais. Lima Barreto, apesar de situado no início do século XX, tinha essa consciência ao produzir textos como *O moleque*, *Clara dos Anjos*, *Um especialista*, *uma conversa vulgar*. O



sentido de uma prática como essa, acreditamos, é reverter valores cristalizados no imaginário social, como estratégia de valorizar uma cultura e um povo que foram estigmatizados e, assim, fixados na posição de subalternos.

Lima Barreto construiu narrativas que pretendiam reverter um sistema de representação canônica, procurando desconstruir os estereótipos negativos sobre os afro-brasileiros e sua cultura, expondo os valores e hierarquias que motivaram essas representações e exaltando valores negativados ou negados pelos discursos dominantes. Através da sua literatura, o escritor não apenas dá um sentido de reversão nas representações canonizadas sobre o negro brasileiro. Mais do que isso, inclui o negro, não apenas, mas, sobretudo, no cenário da história literária, não como objetos de conhecimento, mas como sujeitos humanos, pensantes e concebendo suas experiências de afirmação como retomada da dignidade negada pelo poder hegemônico. Diante desta atitude, reiteramos a ideia de que é um escritor que pode ser inserido no contexto nomeado, contemporaneamente, de literatura negra, bem como, no contexto dos chamados estudos pós-coloniais.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Lima. *Histórias e sonhos*. São Paulo: Ática, 1998.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myrian Ávila et al. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- CAMARGO, Osvaldo. *Entrevista*. Disponível em: [http://www.portalafro.com.br](http://www.portalaфро.com.br). Acessado em 10/12/2000.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora – identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardiã Resende, et. al. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- SOUZA, Florentina da Silva. Solano Trindade e a produção literária afro-brasileira. In: *Revista Afro-Ásia*. Salvador: CEAO/UFBA, n°. 31, 1996, p. 277-293.
- VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras. 1991.

Recebido em novembro de 2012

Aprovado em janeiro de 2013